

Anticoncepcional espiritual

Não estamos aqui por acaso

Era o ano de 1947. Minha mãe frequentava a Escola de Belas Artes, quando conheceu um estudante de medicina. Eles tinham coisas em comum: ela havia estudado enfermagem, ele também era baiano e os dois cantavam no coro da mesma igreja em Belo Horizonte. Apaixonaram-se perdidamente, e em menos de um ano estavam casados.

A situação financeira era precária para os dois estudantes. O planejamento familiar era feito na base da oração: "Senhor, tu sabes que não podemos ter um filho agora, de jeito nenhum".

"Como pode ser tão burra?", declarou minha mãe quando descobriu que eu estava a caminho muito mais cedo do que ela esperava. Isso deixou o jovem casal em palpos de aranha. Vou deixar que meu pai conte como isso aconteceu:

"Nosso orçamento era tão apertado que tive de procurar o diretor do hospital São Lucas, onde eu trabalhava como estagiário, pedindo-lhe que liberasse o pagamento da internação da Lolita para que o parto pudesse ser feito. Para não abrir um precedente para outros estagiários, ele colocou a mão no bolso e me emprestou os \$1 500 (mil e quinhentos réis) necessários para cobrir as despesas hospitalares. Ele fez o empréstimo sem nem sequer saber meu nome. Na hora do parto, o cordão umbilical enroscou-se no pescoço do bebê e começou a enforcá-lo. O iminente risco de morte obrigou a equipe médica a fazer uso do fórceps, ferramenta violenta

usada para extrair a criança do útero materno. E assim o Alex nasceu, com a face muito machucada, escapando da morte e sobrevivendo ao primeiro acidente de sua vida. Minha esposa sofreu horrores, e decidiu que jamais teria outro filho.”

Foi assim que pintei no mundo, fruto de um “acidente biológico”. Nove meses e quatro dias depois da festa de casamento dos meus pais, eu desembarcava na bucólica capital das Minas Gerais. Minha chegada antecipou o fim da carreira artística de minha mãe, forçando-a a trocar seus pincéis, o piano e uma carreira de soprano lírico, por inúmeras fraldas e mamadeiras. Além disso, para reforçar o orçamento familiar até a formatura de meu pai, ela se viu às voltas com a administração de uma república, dentro de nossa casa. Ali moravam quatro estudantes de Medicina.

Menino difícil

Filho de médico e enfermeira, fui criado dentro de hospitais. Meus pais queriam que eu fosse médico e se divertiam ensinando-me anatomia e me fazendo decorar os nomes dos ossos do corpo humano para que eu os recitasse, gerando assim o espanto em seus colegas. Nos laboratórios me ensinaram a explorar o Universo em um microscópio. Cheguei até a frequentar as sagradas salas de cirurgia, onde era proibido que um menino entrasse.

Quando meu pai trabalhou como diretor do Hospital Evangélico Goiano, em Anápolis, Goiás, eu vivia de colo em colo. Era o mascote das enfermeiras e estudantes da Escola de Enfermagem Florence Nightingale.

Meu reinado durou até que meu pai foi contratado para trabalhar no Hospital da Colônia Agrícola de Ceres, substituindo um médico que morreu afogado no Rio das Almas. Mais tarde, ele montou o próprio hospital, o Centro Cirúrgico de Ceres, onde comecei a descobrir o mundo.

Segundo minha mãe, eu era um menino inteligente e cativante, parecido com Aurora, bisneta de meus pais que é a atual mascote da família Ribeiro. Mas eu era *um carinha* de vontade própria muito forte. Dificílimo de ser controlado. Na tentativa de me domar, minha mãe fez de tudo: deu-me broncas, palmadas, beliscões, castigos, surras homéricas, isolou-me, fez chantagem emocional, silenciou, ignorou-me e até fingiu que me desprezava.

Certa vez, ela me castigou trancando-me no banheiro. Pus a boca no mundo. Eu já tinha aprendido que dar chilique, gritar, chutar a porta e fazer escândalo tirava minha mãe do sério. Nesse dia, eu estava disposto a levar o conflito às últimas consequências. De repente, a porta foi destrancada e aberta só um pouquinho. Parei de chorar na expectativa de que ela pedisse o cessar fogo. No entanto, a porta não se mexeu mais. Curioso, fui, abri a porta toda e... chuuvuuááá! Um balde de água fria veio com tanta força em cima de mim que a enxurrada me levou até o fundo do banheiro.

Depois de me dar aquele banho de água fria, mamãe bateu a porta e me deixou chorar outro tipo de choro. Chorei de pena de mim mesmo, de tristeza e arrependimento. Quando acabou o meu gás, ou melhor, quando acabaram as minhas lágrimas, mamãe apareceu com uma toalha, enxugou-me, trocou minha roupa molhada, abraçou-me e beijou-me. Era tudo o que eu queria!

Eu dependia completamente de minha mãe. Ela me dava muito carinho, entendia a minha alma, lia os meus pensamentos, percebia meus blefes emocionais e era a autoridade que me controlava, impunha limites e me disciplinava com mão de ferro. Minha relação com ela era de amor e ódio. A dela comigo era só de amor. Para isso, porém, ela tinha de engolir o "pão que o Diabo amassou".

Quando eu a levava à loucura com minhas birras, ela cantava uma musiquinha, composta por sua aluna de piano que perdera a mãe: "Minha mãezinha querida Deus para o céu a levou...".

Isso me irritava profundamente, e eu chorava desesperado de medo de perdê-la e de ódio de mim mesmo por estar chorando. Afinal de contas, "homem que é homem não chora!"

Para não dar esse tipo de vexame, tornei-me independente e comecei a frequentar a rua, onde passava a maior parte do dia de pijama, brincando com a molecada e aprendendo tudo o que meus pais não gostariam que eu aprendesse. Foi a forma que encontrei de fugir da rota de conflito e da dependência afetiva.

O reino dividido

Quando a Daisy nasceu, fiquei enciumado por abrir mão de meu reinado de cinco anos como filho único. Passei a fazer coisas como tirar a grade do

berço dela ou ser pego em flagrante tentando operar a barriga dela com uma lâmina, fatos que me renderam algumas surras para aprender a não colocar em risco a vida de minha irmã.

A chegada da Daisy trouxe uma compensação: minha mãe, ocupada com o bebê, já não me controlava tanto, e eu ganhei a liberdade que durou até o dia de ir para a escola. Ser obrigado a passar a tarde toda sentado numa carteira, ouvindo uma "chata" falar sem responder nada, foi a pior coisa que poderia acontecer ao "nato livre" Alex. Por conta disso, odiei a escola desde o primeiro dia, o que prejudicou bastante meu aprendizado e desempenho escolar.

Plenamente absorvidos com a administração do hospital e a chegada de minha segunda irmã, Marta, meus pais já não tinham tempo de me controlar, e fiquei totalmente solto para fazer o que bem entendesse no mundo.

Fascinado por aventura e perigo, explorei essa liberdade ao máximo. Vivi situações de extremo risco das quais só saí vivo por conta da eficiência do meu "anjo da guarda que nunca teve sossego". Entretanto, quando era pego em algum desses desatinos, nunca escapei da vara e seus derivados.

O primeiro exílio

Apesar de muito levado, creio que fui um menino inocente até meu primeiro exílio. Quando eu tinha sete anos, minha avó Angélica sofreu um grave acidente doméstico que obrigou toda a família a viajar para a Bahia, para cuidar dela. Eu já estava em idade escolar e, para não perder o ano letivo, fui matriculado em um internato em Anápolis.

A família viajou de avião, e eu, que vivia sonhando em voar, fiquei no chão assistindo a decolagem com lágrimas nos olhos e o coração partido por perder a chance de meu primeiro voo. Senti-me deixado para trás. Sofri de saudade e curtindo o medo enorme de perder a família num desastre aéreo, tão frequentes naquele tempo. Além disso, no internato, ainda havia o tormento de conviver com os meninos mais velhos maltratando covardemente os menores e mais fracos, como eu.

Inconformado com os maus-tratos dos mais fortes, reclamei com a autoridade máxima, o diretor do internato. Ele me respondeu: "Ora, Alex, deixe de ser mariquinha. Você precisa aprender a ser homem!"

Olho por olho, dente por dente

Assim, aprendi a revidar ofensas, a fazer justiça com as próprias mãos, a odiar o próximo e ser cruel com os inimigos. O que hoje se chama *bullying* para mim era covardia, e covarde tinha de morrer! Sempre em guarda, saí daquele colégio diplomado em uma matéria: matar para não morrer, sempre que preciso fosse.

Do ponto de vista emocional, tornei-me autossuficiente. Desenvolvi mecanismos mentais para não depender do afeto de ninguém. Quando meus pais retornaram da longa viagem à Bahia, eu já tinha cortado o cordão umbilical. Sentia-me forte e independente. Um monstinho ou um homem de verdade aos sete anos de idade; mas com o lado afetivo comprometido para o resto da vida.

Aprendi a não confiar em ninguém. Especialmente nas autoridades, exceto em meu pai. Ele ganhou minha confiança quando fui chamado ao seu consultório por causa da queixa de um vizinho:

— Alex, este senhor está me dizendo que você quebrou o vidro da janela da casa dele. Você fez isso?

— Fiz sim, pai.

— E por que você fez isso, meu filho?

— Porque o filho dele quebrou o vidro da janela da nossa casa.

O homem disse que era mentira. Então, meu pai me deu a chance de provar minha inocência. Levei os dois até o fundo da casa e mostrei a prova do crime: nosso vidro quebrado. Se ele não tivesse me dado essa oportunidade, eu seria punido injustamente. Mais do que escapar da surra, aprendi que poderia contar sempre com meu pai; e ele jamais traiu minha confiança.

Embora a atitude de meu pai tivesse reforçado o conceito "olho por olho, dente por dente", marcou-me profundamente no sentido de valorizar Deus como um Pai ainda mais justo e amoroso. A partir daquele momento, os valores aprendidos em casa e os valores descobertos na rua começaram a entrar em choque. Eu queria ser um bom menino, mas não tinha dúvida de que, encurralado e enfurecido na rua, eu seria capaz de trucidar alguém só para não perder uma disputa. Oportunidade ímpar para entrar em cena minha avó Creme.

Com meus pais dirigindo um hospital em Ceres, interior de Goiás, onde tinham de se virar para fazer de tudo, o único adulto que tinha tempo para conversar de igual para igual comigo era minha avó Cremehilda, que me ensinou tudo sobre Deus e as coisas do mundo espiritual. Todas as noites eu dormia ouvindo-a contar as histórias da Bíblia.

Mas, por quê?

Antes de contar as histórias, ela tinha de ouvir as minhas perguntas e responder a todos os porquês.

- Por que os brinquedos quebram?
- Por que as coisas acabam?
- Por que Deus levou a mãe da minha amiguinha pro céu?
- Ele vai fazer isso com a minha mãe?
- Por que tenho que ir para a escola e ficar quieto ouvindo uma "chata" falar a tarde toda, enquanto meus coleguinhas podem ficar brincando na rua o dia inteiro?
- Por que não posso repetir as palavras e nem fazer em casa as coisas divertidas que aprendo com eles?
- O que é malcriação? E pecado?
- Qual é a diferença entre pecado e mal-criação?
- É palavrão?
- Por que tudo o que eu gosto é proibido, é pecado ou faz mal pra gente?
- Por que meu peru de estimação foi morto e comido pela família? E só me contaram quando acabei de saboreá-lo na ceia de natal?
- Por que não posso maltratar os animais, se os adultos podem fazer uma barbaridade dessas com meu bichinho de estimação?
- Os bichos vão pro céu?
- Por que coisas ruins acontecem com gente boa?
- Se Jesus era tão bonzinho, por que pregaram ele na cruz?
- Por que criança tem que dormir cedo, se adulto pode ficar acordado até tarde?
- Por que existe filme impróprio para crianças?
- Como os bebês entram na barriga das mães?

- Por que não posso ir brincar no rio?
- Por que ele se chama Rio das Almas?
- Se foi Deus que fez a chuva e os rios, por que as pessoas morrem afogadas?
- Por que as pessoas envelhecem e morrem?
- Você vai envelhecer?
- Eu também?

Para minha avó Angélica eu contava histórias fantásticas e planos mirabolantes sobre o que eu ia ser quando crescesse. Ela me ouvia admirada e dava a "maior força" dando asas a minha imaginação.

Graças a Deus porque ele me deu duas avós pacientes, que respondiam a todas minhas perguntas e me incentivavam. Uma me instruiu e a outra turbinava minha autoestima. A dedicação delas imprimiu em mim princípios e qualidades que se revelariam fundamentais ao longo de minha vida.